Contos de Matheus de Mattos

Não encare estranhos!

Caminhei mais alguns passos na escuridão da nave apenas com a lanterna na mão. Tremia enquanto ouvia a respiração pesada da criatura e foi então que a vi. Ver aquela coisa era como estar diante de uma assombração que você nunca enxerga direito, mas tem a impressão de ver um pedaço dela no canto dos olhos enquanto atravessa uma rua escura após assistir um filme de terror sozinho. Mas o lado ruim era que agora eu via toda a criatura, e não apenas um pedaço de uma alucinação.

O corpo era esguio e coberto por uma carapaça às vezes dura e às vezes melequenta, e a cabeça da criatura era semelhante àquelas figuras microscópicas que o ser humano nunca deveria ver. A boca era terrivelmente larga, cheia de dentes e sempre aberta.

E o pior de tudo, o alien olhava pra mim. Seus olhos estavam travados em minha direção, eu vi que estavam, mesmo sem qualquer pupila que indicasse uma direção de um olhar claro. Fiquei ali paralisado, talvez até mesmo meu coração tenha parado de bater. Não me lembro nem mesmo de estar respirando. Diante de mim estava algo que literalmente definia o conceito da palavra alienígena, e aquela figura incompreensível só me transmitia o sentimento de que não haveria nada que pudesse fazer, ela iria me matar, por qualquer motivo que lhe fosse aprazível.

Uma eternidade se passou, e depois de ver toda a minha fútil vida passar diante de meus olhos, a coisa se mexeu.

Folguinha estressante

Era a mesma ladainha de sempre. A televisão transmitindo algum outro grande desastre natural em Copacabana. Não paravam de acontecer agora. Kiria tomava um café preto puro pela primeira vez em semanas e tentava alinhar corretamente os números de um jogo de sudoku no celular quando ouviu o burburinho.

- Ela não deveria fazer alguma coisa? Quer dizer, ela é a líder da Ponte dos Heróis.

- Ela vai fazer algo, eu sei que vai.

Naquele momento tudo o que ela queria era voltar no tempo na batalha contra Sr. Sorvetão e não escapar da prisão de gelo, invés disso grudaria suas costas nas paredes congeladas só para aliviar a tensão.

- Ei, você!

Tava demorando...

- Não deveria estar lá fora ajudando essas pessoas?

Levantou os olhos do celular e olhou para o sujeito que gritava. Pensou em mil formas criativas de chutá-lo para fora do restaurante sem que ele sequer percebesse. Mas só respondeu impacientemente:

- Eu to de folga.

- Folga? Ora essa.

Ele se aproximou e bateu a mão na mesa.

- Os meus impostos pagam o seu salário. Ouviu bem? Tem gente inocente precisando de ajuda lá fora. Então trate de levantar daí e ir ajudar.

- Senhor, a Ponte dos Heróis conta com mais de quatrocentos funcionários competentes e treinados. Eles não precisam que eu fique lá dizendo o que devem fazer.

- Isso é um absurdo!

Outro tapa na mesa.

- Você é a líder e a mais forte, precisa estar lá.

Kiria apenas bufou em resposta.

- E a propósito, vocês mulheres não dizem tanto que são as boazonas? Cadê? Não to vendo a sua superioridade feminina em ação.

Kiria bateu na mesa e o rosto do homem foi prensado contra a própria mão que ainda se apoiava na mesa. A pressão que ela exercia transparecia na nuca do homem sem que ela precisasse tocá-lo. Não gostava de usar seu poder em civis, mas achou que seria necessário.

- Escuta aqui, seu idiota! Não preciso de gente como você me dizendo como fazer meu trabalho. Enquanto você estava fazendo qualquer que seja a merda inútil que você faça no seu dia-a-dia eu estava lutando contra milícias fortemente armadas e ao mesmo tempo salvando as pessoas que eles colocavam em risco. Eu estou fazendo isso por três semanas ininterruptas, cidadão. Então quando eu digo que eu estou de folga...

Pressionou ainda mais seu rosto até ouvir um gemido de dor.

- É PORQUE EU ESTOU DE FOLGA, DROGA!

Soltou-o e viu o homem cambalear para trás e cair. Ele ganiu um pedido de desculpas e saiu do restaurante. Kiria o viu sair e encarou os demais clientes que antes murmuravam. Todos se voltaram a olhar para a TV ou para seus celulares fingindo que nada havia acontecido.

Kiria voltou a se sentar e marcou um nove que faltava para completar uma linha em seu jogo.

<u>Último olhar</u>

Dia 493

Observo mais uma vez essa colossal esfera outrora azul e verde que é o nosso planetinha, e que agora cede sua cores para um amarelo e cinza do avanço da humanidade. Estou de cabeça para baixo, se é que isso faz sentido em um lugar que não existe gravidade, e o meu foco é um pequeno pedaço da Terra que sempre me fascinou. O Japão.

Uma terra de tradições e modernidades, alta classe e uma infinidade de loucuras e fetiches diferentes. Um pedaço de terra que define bem a Terra e a humanidade, um lugar onde tudo

pode acontecer. Adoraria comer um Unagi fresco, ou um Toro muito caro mas tão saboroso quanto.

Infelizmente, a cada dia aqui estou um pouco mais longe dessa possibilidade. Um corpo celeste atingiu a Centuriã e danificou nossos sistemas. Desviamos o curso da órbita e estamos nos afastando da atmosfera gradualmente enquanto rotacionamos o planeta até que finalmente chegaremos em um ponto em que a gravidade não vai mais nos segurar, e enfim seremos lançados no espaço. Destinados a vagar pelo vazio até que nossos recursos se esgotem, ou que cometamos suicídio. Laura está cogitando isso. Tomás tomou essa decisão sem nos avisar e agora temos o corpo de nosso colega rodeado por seu próprio sangue flutuando em seu quarto, que trancamos para o bem de nossa sanidade.

Adriana e Roger mantém uma atitude otimista, acreditam que seremos resgatados a tempo.

Mas eu fiz as contas, eu calculei tudo e cheguei a duas terríveis conclusões: primeiro, seremos lançados ao vazio em dez dias, e a base precisaria de pelo menos mais três meses para enviar um resgate; segundo, hoje é o último dia que poderei ver o Japão pela janela.

Morra de inveja

A escolinha estava quieta finalmente, por poucos minutos por dia ficava assim devido a concentração das crianças em dormir. Um período breve de 40 minutos onde todos eram obrigados a deitar-se para dormir e a maioria cumpria sua obrigação. Com exceção de Lara. A menina que há pouco completara seus 7 anos não conseguia pegar no sono, estava virada de lado deitada no colchonete estirado no chão da sala de aula, seu rosto expondo os olhos abertos e atentos escondidos da professora Clarice que punia quem não estivesse dormindo. Mas Lara não tinha medo da punição, deitava-se de lado por outro motivo: queria olhar diretamente para Suzana, sua colega que deitava ao seu lado e vestia um lindo vestido amarelo decorado com borboletas, um vestido que Lara adorara mas jamais seria capaz de admitir.

A inveja subiu-lhe a cabeça e ficou observando cada detalhe do vestido pensando em como poderia destruí-lo sem ser pega. Foi aí que pensou que ela não precisaria destruí-lo se outra pessoa o fizesse. Passou o restante do tempo da soneca tramando seu plano que escapava de sua mente em decorrência do sono e outras distrações menores típicas da idade. Até que o alarme tocou e a professora despertou as crianças.

Alguns minutos se passaram e as crianças foram levadas para brincar do lado de fora. E Lara, pôs seu plano em prática. Foi até Maria, uma menina de temperamento mais arredio que vestia uma roupa meio esfarrapada e começou sua intriga:

- Oi, Maria!

- Oi! – Foi a resposta simples que recebeu da menina distraída desenhando na terra com um galho.

- Sabia que a Suzana falou mal de você? – Destilou seu veneno.

- O quê?

- É isso mesmo. Ela disse que a sua roupa é feia e de pobre, e que sua mamãe não gosta de você, porque se ela gostasse não ia te dar uma roupa feia dessa.

- Ah é? – Maria levantou jogando o graveto no chão com raiva. E correu gritando até Suzana.

Lara aproveitou pra se esconder atrás do escorrega e viu de longe o resultado de seu plano.

- Ei, sua ridícula. A sua roupa que é feia, viu?

- Hãn? – Suzana respondeu confusa.

- Não finge que não sabe. Você chamou minha roupa de feia. A sua que é, e você também é feia. E seu vestido é de bebê. – Maria replicava com uma surpreendente desenvoltura nas palavras para alguém da sua idade.

- Ah, sai daqui. Você tá é com inveja. – Mãozinha na cintura. – O meu vestido é muito bonito sim, tá?

- Ah é?

Sem hesitar, Maria encheu a mão de terra úmida e jogou no vestido. Sujando a linda estampa.

- Haaann! – Suzana puxou a borda do vestido estupefata pra ver melhor e notou o desastre que se tornou sua bela peça de roupa. – Como pode?

Maria então empurrou Suzana, que caiu no chão e sujou agora a parte de trás do vestido.

- Sua louca! – Suzana levantou enfurecida e partiu pra cima de Maria.

As duas caíram no chão e rolaram na lama trocando tapas desengonçados. Todas as crianças do pátio assistindo e gritando qualquer coisa. A professora Clarice correndo para apartar a briga. E Lara sorrindo satisfeita, subiu no escorrega e deslizou contente.

O Viking e o psicólogo

Doutor Sidney respirou fundo e apertou o botão de sua caneta para se preparar para escrever. Anotou a data no topo da folha de seu caderno e olhou para seu paciente, que de paciente não tinha nada, o enorme e poderoso Krogar, como gostava de ser chamado.

- Então, Krogar, o que você fez essa semana?

- Eu pilhei e saqueei! Consegui um belo machado brilhante de um padre. Ha ha ha!

- Eerrr... Por que você assaltou um padre?

- Porque ele tinha um machado brilhante! Não ouviu?

- Aannn... Ok... Mas e de produtivo? Fez algo de produtivo?

- Matei seis templários com o machado do padre.

- Não, Krogar! Já lhe disse que chacinar templários não lhe trará benefícios. E viver nesse estado de pilhagem e carnificina não lhe ajuda a tratar os problemas de raiva.

- EU NÃO TENHO PROBLEMAS DE RAIVA!

- Krogar...

- Hmpf! É que o doutor vive dizendo que eu não posso pilhar...

- Porque toda essa violência e agressividade acabam afetando seu casamento e outras áreas da sua vida. Lembra do seu último emprego como repositor de mercado?

- Mas aquela velha não parava de falar que o preço no concorrente era mais barato, eu só a ajudei a chegar lá.

- Você a arremessou porta afora, Krogar...

- Ela ficou mais perto do concorrente, não ficou?

- Não é assim que as coisas funcionam hoje em dia. Você não está mais no império anglo-saxônico. Não é mais assim que resolvemos nossos problemas.

- Hrm! É por isso que todo mundo tem problemas.

- Bem... Vamos mudar o tópico. E quanto ao jardim? Conseguiu plantar o jardim que eu pedi?

- Eu queimei todas as plantas.

- O quê? Mas por quê?

- Precisava de espaço pra esconder os corpos dos templários.

- Você enterrou três templários no quintal da sua casa?

- Claro que não! Eu fiz uma pira enorme e queimei seus corpos.

- Mas por que você fez isso? Krogar, eu to tentando te ajudar aqui.

- Ué... Eu achei que seria um enterro digno. Eles lutaram bem. E as armaduras deles vão servir pro meu clã.

- Você... Você está restaurando o clã Yggdrasil? Achou outros vikings como você?

- Não, doutor! Não consigo achar outros como eu, mas recrutei homens e mulheres habilidosos que queriam me seguir.

- Santo Deus! Tenho até medo de perguntar, mas... Quem você chamou?

- Dona Carlota, a merendeira da escola do meu filho, uma mulher enorme e valorosa, ficará muito bem com um martelo de guerra; o seu Agenor e o seu Euclides, dois irmãos velhos que são meus vizinhos, serão excelentes xamãs; e a menina Lívia, recém moça que desceu a porrada em todos os meninos da rua.

- Uma senhora de meia idade, dois idosos e uma adolescente?

- Será o melhor clã viking da atualidade.

- Que Freud me ajude...